

Editorial

Chegamos ao quarto número da revista CReatividade. Essa edição trabalha com Fé e Política. Recentemente tivemos uma acirrada eleição para presidência (2014), mostrando o poder da máquina governamental e da mídia de modo geral. Existe uma indústria de marketing para produzir os seus candidatos e hoje, infelizmente, não existe mais uma preocupação com as qualidades ética e moral dos candidatos, mas aquele que consegue vender melhor a sua imagem. Os efeitos são hollywoodianos, o vilão torna-se herói, o bom é massacrado, cria-se uma idiossincrasia partidária, fenômeno abominável numa eleição onde deve prevalecer o bom senso e julgamento de uma visão crítica. Cremos que é justamente aqui que a religião, como referência da semântica do verbo latino *religare*, deve atuar no equilíbrio da Instituição política. Se religião significa a religação do ser humano com o divino, com o sagrado, considerando que ele não seja apenas produto de uma matéria, é natural que se pense no homem não como objeto, nesse caso, mas que além da sua materialidade há um processo de transformação, de transcendência, que o ajuda a ser inserido dentro da sociedade, com seus valores éticos e morais. É o mínimo que se pode exigir, o respeito à individualidade e capacidade do ser humano poder decidir sem coação.

Entenda-se que, ao falarmos de Religião na política, não a contextualizamos em um Estado teocrático, pois bem sabemos o quanto é desastroso quando não existe um Estado laico e uma Religião apartidária. Contudo, considerando que política vem do grego *politikós*, em que se referiam às cidades pertencentes aos cidadãos, fazer política obrigatoriamente deveria ser um serviço à administração desse bem comum, e não estar a serviço de alguém ou de um grupo partidário. É nesse sentido que a Religião deve se tornar uma referência para o cidadão, fazendo uma anamnese histórica do verdadeiro sentido do que significa fazer política. Se a Religião integra o ser humano como um todo, pensando nele como corpo e alma, é seu papel lutar pelos interesses do homem e como deve se dar essa inserção do sujeito dentro da sociedade. Ela não pode ficar omissa diante dos devaneios e desequilíbrios sociais que ocorrem por conta de pessoas egocêntricas ou de partidos que submetem toda uma sociedade a uma ideologia, de um fisiologismo em detrimento do bem comum. Toda Religião tende a conduzir o homem à sua plena realização e felicidade. Esse é o sentido do “religamento” do ser humano com o sagrado. É aqui que se levanta a voz dos esquecidos, dos marginalizados, dos periféricos contra a oligarquia de um poder que se corrompe sempre e cada vez mais para deixar as coisas como estão.

Fé e Política têm muito a nos dizer. É essa a proposta desse estudo, das diferentes reflexões que serão aqui expostas pelos seus autores e como se pode ser uma voz libertadora,

mesmo que destoante, em uma sociedade corrompida pelo poder abusivo de pessoas ou grupos partidários. Religião deve fazer política? Sim, enquanto defende os interesses dos seus cidadãos, que conseqüentemente são fiéis de suas denominações. Nenhuma Religião, entretanto, deve ser partidária ou tão pouco assumir o papel do Estado. Esse é um terreno que não lhe pertence, mas trazer o céu à terra, salvaguardando os interesses do cidadão, é preservar o verdadeiro sentido da palavra política de acordo com suas origens. Isso é um direito sagrado do homem. E nesse caso, Fé e Política devem se abraçar fraternalmente.

O primeiro artigo é mestra em Teologia pela PUC-Rio, professora da Cultura Religiosa, **Vera Boing**, que ressalta a importância daquele que ouve a palavra libertadora de Jesus Cristo e como pode se tornar referência dentro de uma sociedade consumista e materialista, através do artigo **“Cristianismo: uma práxis libertadora”**. Os parâmetros anunciados pelo Evangelho devem seduzir o cristão para a construção de uma sociedade ética. Como exemplo, faz uma anamnese histórica da vida da Irmã Dorothy, mártir do Reino de Deus no norte do Brasil. Se existem atos de pessoas que se contrapõe a um senso ético, entretanto, a vida de pessoas coerentes e que encarnaram a palavra divina em sua trajetória de vida, falam mais alto do que os atos insanos daqueles que somente semeiam o mal.

O texto a seguir, elaborado por outra professora da Cultura Religiosa, a doutora em Teologia pela PUC-Rio, **Eva Aparecida Rezende de Moraes**, sob o título de **“Uma ética Co-Movente: breve análise do compromisso ético de alguns alunos da ética cristã”** é uma coletânea de informações e experiências de seus alunos, em diversas aulas por ela ministrada, em que estes mostram a capacidade de fazer política diante de uma sociedade dilacerada por uma ética vil e desrespeitosa das lideranças políticas. Enquanto essas lideranças estão voltadas apenas para interesses próprios e no lucro que obterão naquilo que deveria ser um serviço público, os nossos alunos demonstram uma consciência ética extraordinária, manifestando com isso uma repulsa total a essas lideranças confusas e descompromissadas com uma política correta, em que os políticos se tornam mais arautos de uma misantropia esquizofrênica. Para fazer uma política justa o sujeito não precisa ser religioso, basta apenas que ele seja ético. Uma ética religiosa pode contribuir muito para o desenvolvimento daquilo que já é um anseio na pessoa e que, em certo sentido, já é patrimônio histórico das sociedades: favorecer para que a semente de humanitarismo cresça ardorosamente. O texto nos ajuda a perceber que podemos fazer política com pequenos gestos, sendo geradora de uma sociedade mais justa e fraterna. Na ética cristã, perceberemos que a atitude profética de Jesus foi uma política transformadora em uma sociedade opressora dos fracos e pobres. Só por ser essa voz profética dentro de uma sociedade em que pese o conceito em que só se dá bem quem age pela corrupção, seguindo a famosa lei de Gerson, já justifica a disciplina da ética cristã.

O artigo seguinte é de **Gerson Lourenço Pereira**, doutor em Teologia pela PUC-Rio, professor de ensino religioso em Nova Iguaçu, começa a reflexão com o título **“O Desafio da**

dimensão social e política da fé". O autor faz uma reflexão através da teologia de como a fé pode ser uma força transformadora em uma sociedade fatiada pelo consumismo, analisando o sistema político e econômico com suas exclusões. É um artigo que visa expor uma sociedade fragmentada pelas propostas política e como a teologia, sendo uma ciência, pode contribuir para a formação de uma sociedade mais equânime, sem ser piegas ou utópica. É a realização do Reino de Deus proposta no discurso de Jesus de Nazaré.

No próximo texto, formulado pela teóloga **Tereza Cavalcanti**, "**Teologia da Libertação: Fé ou Política?**", professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio, a autora nos mostra uma realidade ocorrida na América Latina a partir dos anos 70, onde a teologia teve um papel importante e transformador numa sociedade de opressão, cujo distanciamento entre o rico e o pobre era abissal. Anunciar o reino de Deus de acordo com os ensinamentos de Jesus de Nazaré seria necessário encarnar a sua palavra na destoa sociedade regida pelo imperialismo de um poder sectário, subvertendo os valores do pobre em benefício de uma classe dominante. A contextualização do momento histórico em que surge a Teologia da Libertação nas veias de uma América Latina que sangrava um povo que vivia sem voz e marginalizada mostra que não se pode fazer anúncio da palavra de Deus apenas numa dimensão espiritual. Se a palavra de Deus um dia foi encarnada na dimensão histórica de um povo, ela precisa continuar sendo encarnada em todas as dimensões históricas da humanidade com suas culturas e tradições. Esse é o papel real da Teologia, que sai do discurso meramente simbólico para a práxis do cotidiano.

A comunicação forma cidadãos ou consumidores? Esse é o rápido artigo formulado pela professora de Comunicação e Ética Cristã da PUC-Rio, **Marcylenne Caper**, que nos leva a refletir se a informação é conhecimento ou apenas um conjunto de ideias que formam uma colcha de retalhos. De fato, nunca se produziu tanto nesses últimos anos no meio acadêmico, a discussão levantada aqui é quanto à qualidade dessa produção. Os próprios trabalhos apresentados pelos alunos em nossas universidades são, muitas vezes, cópias do que pesquisaram na internet. Até que ponto ela nos ajuda a sermos cidadãos conscientes num processo de evolução ou meramente consumidores passivos sem nenhuma crítica contextual? É importante o texto para a avaliação sobre qual o grau de uma cultura política na geração atual.

Érica Haynes, Fábio Dias, Gabriela Rodrigues, são estudantes do curso de Comunicação Social da PUC-Rio. Entre as atividades desenvolvidas em sala de aula proposta na pedagogia do seu professor, apresentaram um trabalho que mereceu vir para as páginas da nossa revista CREatividade, já que abordam a questão política: **Da ascensão à queda: uma análise da cobertura da revista Veja durante o governo Collor**. Embora não façam referência à questão da fé, é interessante o percurso do pensamento dos autores porque nos trazem à luz um fato ocorrido na política brasileira em meados dos anos 80, com a destituição do então presidente Fernando Collor que, certamente, não fez parte da atual geração que

frequenta a nossa Universidade. Como vivemos um momento similar, com o pretexto de termos tido na história do nosso país um impeachment de um presidente da república, a mídia aproveita para tecer sua teia motivadora para derrubar novamente outro presidente no tempo atual. Sendo um assunto polêmico, vale à pena recordar o passado, a motivação histórica do personagem na época, como chegou ao poder e como se perdeu no poder. A leitura é interessante porque nos mostra que os meios midiáticos não conseguem manter uma neutralidade em busca da verdade, mas da mesma forma que transformam alguém em herói o conduzem para a vilania social. Pior do que um governo corrupto, talvez seja uma mídia omissa e que não apresente a verdade.

Na mesma linha de reflexão, fechamos nossa Revista com o artigo da aluna no Curso de Comunicação da PUC-Rio, **Emilia Paes**, sobre **A Ética na Propaganda Política**, outro tema relevante e que demanda nossa atenção e discernimento crítico. A autora percorre teóricos da Comunicação, como Bauman, Queiroz e Debord, e nos convida a retomada do papel de formação política como coisa pública e construção do bem comum no campo da Publicidade e do marketing político.

Os textos são muito bons e ajudam-nos numa reflexão sobre o momento político atual. A ideia não é apresentar uma religião fazendo política, mas como ela pode ser colaboradora na formação e conscientização das pessoas em geral. Boa leitura!

João Geraldo Bellocchio

Coordenador da Cultura Religiosa – PUC-Rio